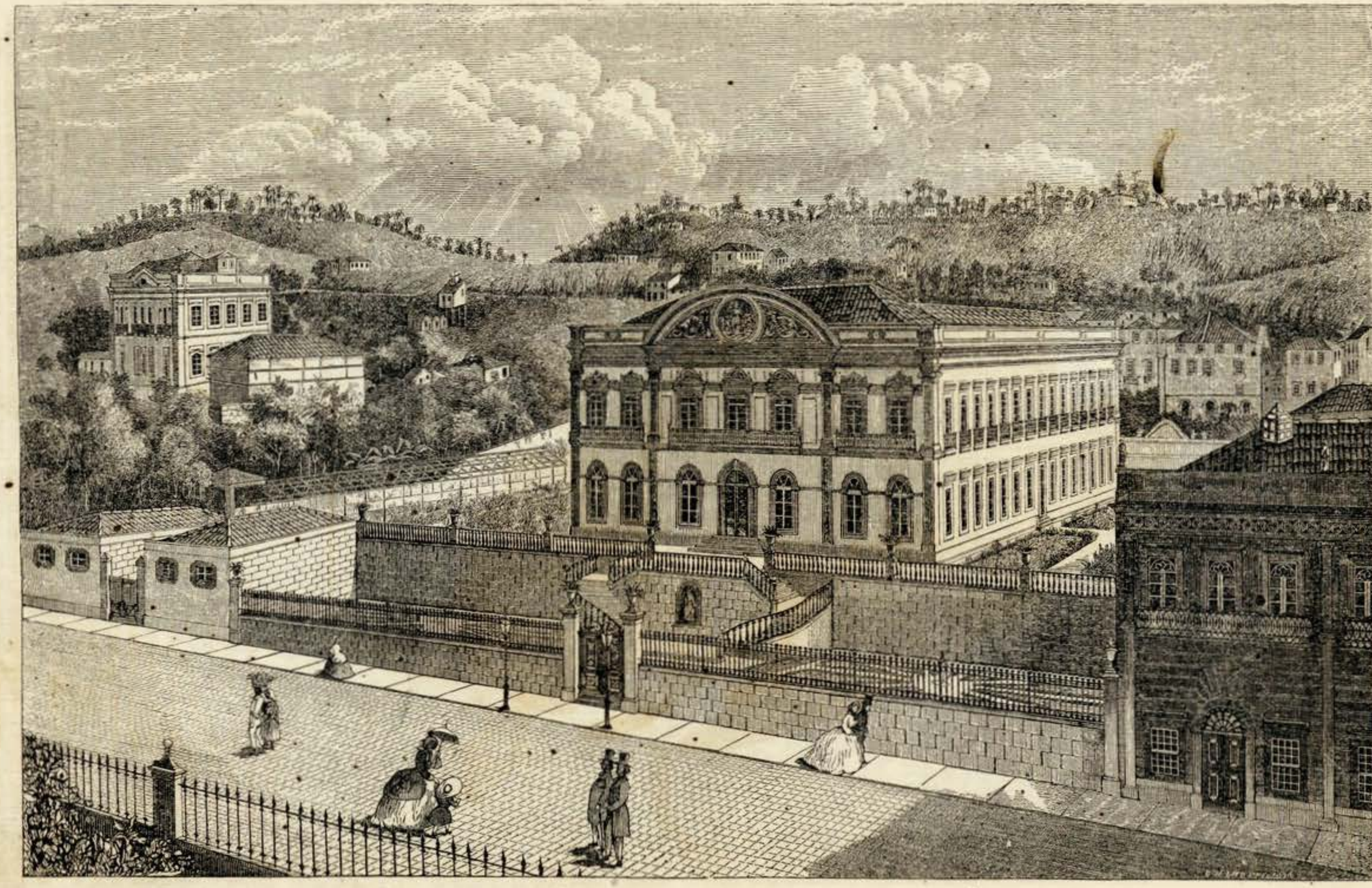


Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia no Rio de Janeiro — Desenho de Nogueira da Silva, segundo uma lithographia

HOSPITAL PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO

Este sumptuoso edificio, padrão monumental da confraternidade portugueza no imperio do Brasil, deve-se á patriotica «Sociedade Portugueza de Beneficencia» instituida na capital d'aquella potencia em 1840.

Illustrando as paginas d'este semanario com o desenho fidedigno d'este grandioso hospital, ufanamo-nos de prestar aqui em publico, aos seus fundadores e piedosos mantenedores, o tributo de gratidão que a patria lhes deve, e que todos os amigos da humanidade lhes hão de prestar comnosco.

A historia da instituição d'esta benefica sociedade, e a minuciosa descripção do hospital que vamos inserir, foi-nos enviada graciosamente d'aquella cidade por um de seus benemeritos socios.

O fundador d'esta sociedade, ou quem teve a iniciativa da sua instituição, foi o dr. José Marcellino da Rocha Cabral, emigrado portuguez de 1828, fallecido em 1850, victima da febre amarella.

Este honrado, mas infeliz portuguez, havia já em 1837, auxiliado por outros, fundado o «Gabinete Portuguez de Leitura», e desde essa epocha reconheceu que um grande numero de portuguezes domiciliados no Rio de Janeiro, mórmente das classes operarias, bem como os caixeiros de tabernas e de outros estabelecimentos de pequena monta, os carvoeiros, trabalhadores de enxada, e outras classes menos favorecidas da fortuna, não tinham accesso ás ordens terceiras que possuiam hospitaes, e se viam obrigados, em suas molestias, depois de terem gasto o ultimo vintem, a recorrer á caridade da santa-casa da Misericordia, que não era então o que hoje é. Depois, ao sair d'alli, se careciam de regressar á patria para recobrar a saude perdida, tinham de mendigar de porta em porta o necessario para o seu transporte, se antes não pereciam á mingoa de meios.

Para resgatar a nossa patria d'este vexame, teve o benefico pensamento de propor ao «Gabinete Portuguez de Leitura», em dezembro de 1839, a fundação de uma sociedade, em que se inscrevessem todos os portuguezes residentes na corte e provincia do Rio de Janeiro, em circunstancias de contribuir com uma joia nunca menor de 10$000 rs., e uma mensalidade de 500 rs., a fim de soccorrer os necessitados, ministrando-lhes, quando enfermos, remedios, sustento e facultativo, bem como os meios para regressarem á patria, quando o seu estado de saude o exigisse; e tambem proporcionar-lhes trabalho, auxilio para a educação dos filhos, etc.

Immediatamente se nomearam commissões para a redacção dos estatutos, para abrir subscripções e fazer o alistamento. Tão rapido correu este processo, que a 17 de maio de 1840 foi installada a *Sociedade Portugueza de Beneficencia* no Rio de Janeiro, começando n'esse mesmo anno a distribuir os soccorros compativeis com os meios de que já podia dispor.

Parece, porém, incrivel, que havendo no Rio de Janeiro e suas immediações mais de trinta mil portuguezes, e, d'esses, poucos que não estivessem nas circunstancias de entrar com a joia de 10$000 rs., e pagar uma mensalidade de 500 rs.; não admittindo, até então, as ordens terceiras senão individuos estabelecidos e caixeiros de certa cathegoria, os quaes todavia não prestam outro auxilio mais que o tratamento de molestias, esmolas de 20$000 a 50$000 réis para mudança de paiz; quando a sociedade, além dos soccorros de medico, botica e dietas, se obrigou a pagar o transporte dos socios á mesa do capitão (o que regula de 150$000 a 200$000 réis), parece incrivel, repetimos, que desde a installação da sociedade até 12 de maio de 1844, apenas se inscrevessem 635 portuguezes; e que d'esses uma boa parte nem as mensalidades pagassem, não deixando comtudo de se apresentarem centenares d'elles a pedir soccorros. N'esta situação foi a directoria constrangida a distribuir por 120 dos mais necessitados, todo o dinheiro que lhe restava, deixando de attender n'aquella occasião a 183 requerimentos, por não ter que lhes dar.

Em taes circunstancias não havia outro recurso senão tomar um de dois alvitres: dissolver a sociedade, ou limitar os soccorros aos socios. Foi este que a directoria adoptou, propondo a reforma dos estatutos, com a clausula de que todo o portuguez, que dentro de um anno da sua chegada ao Rio de Janeiro, se não inscrevesse socio, estando n'esse caso, não teria direito a ser soccorrido. Approvou-se a reforma n'este sentido, e d'essa data em diante, sómente os socios, suas familias e os naufragos, ficaram com direito aos soccorros da sociedade, prestando-se tambem alguns das sobras da renda aos que, dentro do anno da sua chegada, fossem accommettidos de doença grave.

Era então presidente da sociedade o dr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho, ex-ministro da justiça. Foi elle quem propoz a reforma, e no relatorio que então dirigiu á assembléa geral dos socios, justificando-a, disse:

«Não é por certo, senhores, não é tão satisfactorio como ser podia, o estado d'esta associação; cumpre-me não dissimular, fallar-vos com candura, e jámais prostituir a verdade. A beneficencia, esse sentimento nobre, formado pela natureza para estreitar os nós da sociedade, é uma preciosa virtude do maior quilate, por ser de sua natureza livre; por isso, com razão, dizia o immortal Cicero — que nada ha mais digno do homem, e mais conforme á natureza, que a beneficencia e a liberdade. Essa virtude, filha da caridade, tão preconisada pelos sabios da antiguidade, tão recommendada por Moysés, David e Salomão; tão preceituada pelo auctor do Christianismo; e até endeosada pelo philosophismo, debaixo do nome de philanthropia, não deveria encontrar peitos empedernidos nos descendentes dos antigos portuguezes. N'estas lisongeiras esperanças, cuidavamos que todos, açodados, correriam a alistar-se em uma associação cujos fins ostentam respeito á religião, amor á humanidade, adhesão á patria; mas, de milhares de portuguezes que existem n'esta capital, poucos centos conta a nossa sociedade: parece que o espirito do mal em tudo se entranha, e mofa das coisas mais santas!

«Grandes esforços fez a actual directoria para augmentar o numero dos seus socios: a nomeação de commissões collectivas, a escolha de commissionados individuaes, o emprego de agentes particulares, de tudo lançou mão; mas foi quasi nullo o fructo que colheu. Alguns dos nossos patricios recalcitram, dizendo, que mór proveito colhem de entrar como irmãos de qualquer ordem; e outros porque, abundantes de meios, nunca careceriam da beneficencia dos seus patricios: estes affirmam que não se vê onde se consomem os fundos e rendimentos da sociedade; aquelles que seus meios são tenues e apoucados; mas isto são evasivas que não convencem.

«Guiados pelas mesquinhas vistas do interesse pessoal, os primeiros devem recordar-se que as ordens [1], esses estabelecimentos tão pios e religiosos, dignos dos maiores encomios, não tem fins tão vastos como a nossa sociedade: elles não buscam emprego para o que o perdeu; não enviam ao solo natalicio o que, enfermo, carece dos ares patrios; não curam da educação e ensino da mocidade desvalida; e a nossa sociedade, exercitando alguns d'esses actos de benefi-

[1] As ordens tem, em geral, sido fundadas e sustentadas por portuguezes abastados, e muitos d'estes tornaram-se desde logo os maiores adversarios da sociedade. Fanaticos pelas ordens, receiavam que a sociedade viesse a ferir os interesses d'ellas; por isso empregavam toda a sua influencia para que ella não progredisse.

cencia, terá de preencher os outros, quando os seus rendimentos o permittam.

«Dos segundos parece-me que o numero será limitado; é mister certa dóse de insensatez para que alguem se presuma inaccessivel aos caprichos da fortuna, que em um momento arrasa palacios, troca o luxo e a riqueza pela miseria, o orgulho e a soberba pelo abatimento e mendicidade: acresce que uns e outros se dirigem pela bussola do egoismo, não lhes importando as desgraças alheias.

«Os terceiros formam imputações infundadas, sem conhecimento de causa; são detractores injustos, que condemnam sem querer apurar a verdade, nem ouvir os accusados: ahi estão as contas, examinem-as; vejam o que se tem extraviado, e depois accusem.

«Os ultimos são os mais desculpaveis, porque ninguem deve ser beneficente sacrificando o necessario, nem mesmo sacrificando os seus interesses. Pedi aos ricos, que eu teria vergonha de vos dar antes de pagar a Callices—assim respondeu Phocion quando queriam que elle se cotisasse para uma beneficencia. Todavia a joia e a mensalidade da sociedade são tão mingoadas, que bem poucos estarão nas circunstancias de as não podêrem satisfazer. Ha outros, porém, que põem em parallelo as vantagens dos socios com as d'aquelles que o não são, e concluem ser mais conveniente não ser membro da sociedade; estes tem alguma razão: o socio está sujeito aos empregos e commissões; entra com uma joia; concorre com as mensalidades, e se deixa de as satisfazer, não só perde a qualidade de socio, como fica inhibido de reclamar soccorros: os que não são socios estão isentos d'estes onus e d'esta pena, e gozam na desgraça de eguaes beneficios. É mister tomar em consideração similhante objecto.»

Reformados os estatutos no sentido que fica dito, renovaram-se esforços e diligencias para augmentar o pessoal, patrimonio e rendimentos da sociedade. Na invasão da febre amarella eram os socios promptamente soccorridos em suas casas; estabeleceu a sociedade uma enfermaria, na qual foram tratados d'aquella epidemia centenares de portuguezes não socios; gastou n'estes soccorros até o ultimo real que tinha em cofre; e nem assim progredia a inscripção, a qual, em junho de 1853, chegava apenas a 2:075 socios.

Muitos recusavam inscrever-se porque a sociedade não tinha hospital seu para tratar os socios, embora ella os mandasse tratar em «casas de saude», ou em quartos separados no novo hospital da Misericordia.

Forçoso era pois, ou dissolver a sociedade, ou fazer um hospital. Resolveu-se fazer o hospital.

Para este fim promoveu-se uma subscripção, que apenas chegou para a compra do terreno. Deram-se bailes de subscripção, beneficios nos theatros; e o seu producto, com algumas entradas de socios e sobras de renda por capitalisar, montando tudo a treze contos de réis, era quanto a directoria tinha disponivel para começar a edificação do hospital, cuja primeira pedra se assentou a 19 de dezembro de 1853, e em cuja edificação, ornamentos, moveis, roupas, loiças, etc., se gastaram mais de 300:000$000 réis.

Concluido o hospital, procedeu-se á sua inauguração no dia 16 de setembro de 1858, anniversario natalicio de S. M. Fidelissima o Senhor D. Pedro V, de saudosa memoria, com uma brilhante illuminação, e um sumptuoso baile, ao qual concorreram cêrca de tres mil pessoas, muitos senadores, ministros de estado, e as pessoas mais notaveis e grandes do Rio de Janeiro.

N'esta occasião contava já a sociedade 4:790 portuguezes inscriptos; hoje acha-se elevada a inscripção a 7:310, e diariamente ha novas entradas de socios.

Muitos dos que se tinham deixado eliminar, voltaram ao gremio da sociedade, e já os portuguezes ricos e influentes se interessam por ella.

Entrou pois em uma nova e brilhante phase, que lhe promette chegar a attingir, dentro de poucos annos, todos os fins para que foi instituida.

A 7 de janeiro de 1859 começou o hospital a receber enfermos. As entradas, até 13 de julho de 1861, sobem a 2:235, dos quaes tem saído com alta 2:056, fallecido 109, ficando 70 em tratamento.

Os conselheiros mordomos concorrem cada um, mensalmente, com a despeza das dietas dos doentes, comedorias dos empregados internos, e todos elles acabam o seu mez satisfeitos com a boa ordem e aceio que reina no estabelecimento; satisfação que se manifesta com os donativos de moveis, roupas e outros objectos que espontaneamente fazem além da despeza mensal, que lhes regula de 1:300$000 a 1:500$000 réis.

A despeza de salarios dos empregados, vencimentos dos medicos, botica, roupas, loiças, etc., é feita pelo cofre da sociedade.

Tem capellão permanente, que n'elle diz missa quasi todos os dias, e a dos domingos e mais dias de guarda concorrem as familias da visinhança, e mesmo de mais longe.

Tem-se feito alguns casamentos e baptisados na sua capella; finalmente nenhum outro hospital no Rio de Janeiro é tão visitado.

Os soccorros de tratamento de enfermos, mudanças de paiz, moradas a socios pobres, a viuvas, orphãos, etc., prestados pelo cofre da sociedade desde a sua installação até hoje, á parte a despeza do hospital, orçam por cêrca de 150:000$000 réis.

DESCRIPÇÃO DO HOSPITAL

O hospital está situado na rua de Santo Amaro da Gloria, e assente sobre uma elevação natural que o terreno offerece; tem de extensão, na frente, 24 metros, e de fundo 49 metros e 20 centimetros. O terreno em geral mede, na frente da rua, 70 metros sobre 80 de fundo. A parte sobre a qual se vê assente o edificio está 5 metros, termo médio, acima do nivel da rua; e o primeiro pavimento fica elevado cêrca de 1 metro acima do terreno, de modo que a soleira da porta principal fica 6 metros superior á rua.

A parte occupada pelo gradil e a varanda superior tem de frente 50 metros e 40 centimetros.

O gradil, que se acha ao correr da rua assente sobre granito lavrado, é de elegante desenho, com ornatos doirados; e ao meio se destaca um magnifico e soberbo portão de ferro fundido e batido, todo elle com ornatos ricamente doirados, e sustentado por duas colossaes columnas de granito, sobre as quaes se vêem collocados dois grandes vasos de marmore.

A 12 metros e 6 centimetros do gradil acha-se a muralha que sustenta o terreno posterior, por ella nivelado, o qual na estampa se vê guarnecido de uma varanda de pilastras e balaustres, com vasos de marmore sobre as pilastras.

Em frente do portão, e encostado á muralha, vê-se a grande e bella escada, em dois lanços, de marmore de Carrara, precedida de um pateo ladrilhado de granito lavrado e marmore, com patim tambem de marmore, tendo um rico florão de mosaico, ornado de tres patamares no mesmo gosto do patim, e guarnecida de balaustrada de ferro fundido. As paredes da escada são forradas de azulejo imitando marmore, vendo-se na do centro, collocada em seu nicho, uma estatua de S. Roque, a 2 metros e 20 centimetros de altura.

O espaço entre a varanda e o edificio é ladrilhado de marmore de côres.

As portadas e guarnições, externas e as internas,

que deitam sobre a área, são de granito lavrado.

O saguão, que tem 11 metros de largo sobre 6 metros e 58 centimetros de fundo, é digno da entrada. O pavimento, tambem de marmore, é perfeitamente acabado, e tem no centro um florão de mosaico. Os lados são todos almofadados de marmore de côres.

Em frente ha um arco abatido de 7 metros de largo, além do qual se acha outro saguão das mesmas dimensões do primeiro: ao centro d'esta parte, em dois lanços, uma magnifica escada aberta, de diversas e ricas madeiras do paiz, e da mais bella fórma. Na volta ha um patamar de mosaico, em que se empregaram 15:000 pedaços de madeiras differentes, e o painel do ultimo lanço, fazendo face para a porta principal, é ornado de um bem acabado medalhão aberto em pau setim, representando o pelicano no momento em que rasga o seio para alimentar os filhos.

A balaustrada d'esta escada acaba em galeria n'uma peça que dá entrada para as salas de frente do edificio, e para os quartos e enfermarias do segundo pavimento. Sobre esta galeria acha-se uma vasta e bem acabada claraboia de fórma oval.

As salas e o oratorio foram decoradas pelo lente de pintura historica da academia das Bellas Artes, Joaquim Lopes Cabral. Na sala principal vêem-se por cima das portas, pintados a fresco, os retratos dos reis de Portugal D. Affonso Henriques, D. João I, D. Manuel, D. João IV, D. José I, e D. Maria II. Entre as portas e janellas, e como que encravados nos florões de decoração, ha pequenos quadros tambem a fresco, representando scenas da historia portugueza, relativas aos reinados dos monarchas cujos retratos já mencionámos. Vê-se alli o casamento do conde D. Henrique com a rainha D. Theresa, a acclamação de D. Affonso Henriques, a morte do conde Andeiro, a acclamação do Mestre d'Aviz, a partida de Vasco da Gama para a India, a chegada do mesmo, o descobrimento do Brasil, a revolução de 1640, o terremoto de Lisboa, a sua reedificação, o cerco do Porto, e o prestito do enterro de D. Maria II, ao chegar ao Arco da Bemposta, com a pomba que a acompanhou até S. Vicente de Fóra pairando sobre o coche.

No tecto da mesma sala vê-se um medalhão de gesso, de bello lavor, representando a Caridade dentro da barra do Rio de Janeiro, obra do sr. Després, por quem tambem foi feito o pelicano da escada.

Por cima das largas portas que communicam a sala principal com as lateraes, ha bandeiras de *carton pierre*, com dois medalhões representando S. Damazo, papa portuguez, que foi eleito em 366, e Santa Joanna princeza de Portugal; e no reverso Santa Isabel rainha de Portugal, e o V. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

O oratorio, collocado em uma das salas lateraes, é de ornamentação simples, mas rica. Além da imagem de S. João de Deus, orago do hospital, feita na cidade do Porto, e uma das mais bellas e perfeitas do Rio de Janeiro, vêem-se pintados a fresco Nosso Senhor Jesus Christo e os quatro Evangelistas. Sobre a porta que communica o oratorio com a sacristia, vê-se um rico quadro a oleo representando a Visão de Santo Antonio, original do artista portuguez, cavalheiro Almeida, e, dentro da sacristia, outro representando Jesus Christo no momento de expirar, magnifica copia do original de Victor Reni pelo mesmo cavalheiro Almeida, e ambos por elle offertados á sociedade.

Aos lados do altar figuram dois bellos candelabros de alabastro alvissimo, offerta do socio Adriano Gabriel Corte-Real; e alumia o mesmo altar uma rica lampada de prata, pesando 655 oitavas, offerta do socio conselheiro mordomo Jeronymo da Costa Jacome.

O pavimento superior está dividido em tres salas na frente, dois gabinetes para os medicos, sacristia, residencia do capellão, e 40 quartos para doentes, de duas camas cada um, perfeitamente arejados e fechados a chave.

O primeiro pavimento tem aos lados dos saguões tres salas para secretaria, arrecadação, e residencia do administrador, e dois quartos para porteiro e outros empregados.

Segue-se a galeria coberta sobre arcos, com uma área de 17 metros e 54 centimetros de comprimento sobre 4 metros e 38 centimetros de largura, lageada de granito lavrado, com dois saguões corredores de 2 metros e 20 centimetros de largura ladrilhados de marmore de côres.

Aos lados da galeria acham-se as enfermarias supplementares com divisões fixas e volantes, o refeitorio de 16 metros e 60 centimetros de largo, dormitorio de serventes, casa forte, barbearia, etc.

As portas dos quartos do pavimento superior não correspondem umas ás outras nos corredores que os separam, de modo que de um quarto não se devassa para o outro. Todos os quartos do dito pavimento, com excepção de quatro, são abertos por cima, e sem excepção com bandeiras de abrir e fechar em todas as portas e janellas, para a necessaria ventilação, sem que esta possa incommodar o enfermo. Do mesmo modo todas as portas e janellas do primeiro pavimento tem bandeiras de abrir e fechar.

Todas as madeiras empregadas no edificio foram escolhidas das primeiras e superiores qualidades do paiz.

Todos os solhos são de peroba de Campos, taboas de 11 centimetros de largura embutidas umas nas outras, e pregadas de maneira que não se vê signal de prego. As tabeiras são de canella preta do rio de S. João.

O solho da sala principal é dividido em paineis, e assente em fórma de espinha com madeiras de côres, e cinco florões de mosaico.

Os tectos são todos de estuque com ornatos adequados aos logares.

O edificio é illuminado a gaz, com encanamento especial de ferro, e largamente abastecido d'agua dos canos da Carioca.

Tem na frente um jardim dividido em dois terraços, com tanques e repuxos de marmore, e aos lados outros dois cada um de 13 metros 16 centimetros de largo sobre 66 metros de comprimento.

Ao edificio, e communicando-se no fundo d'este por um passadiço envidraçado, seguem-se as cozinhas, despensas, casas de banhos, latrinas, boticas, quarto para os cozinheiros, com um extenso pateo coberto de uma vasta claraboia e envidraçado dos lados, permittindo assim fazer-se todo o serviço do hospital ao abrigo das chuvas e dos ventos.

Além dos banhos mornos e frios em grandes banheiras de marmore, ha-os de cachoeira e de chuva.

A botica está soffrivelmente provida; possue já um serviço regular de instrumentos cirurgicos, e uma importante mesa de operações.

Do edificio goza-se a bellissima vista do valle que fica entre a ponta da montanha de Santa Theresa e a pittoresca capellinha de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro; e sobretudo a vasta bahia do Rio de Janeiro, passando á vista do hospital quantos navios entram e sáem a barra.

Na continuação da rua, em seguimento ao gradil, estão as casas de deposito dos cadaveres, residencia do hortelão, cocheiras e depositos, com entrada e caminho rampado de 5 metros e 50 centimetros de largo, para carros cobertos de uma extensa ramada. Nos fins d'estas casas e lados do caminho ainda tem terreno occupado com hortas e outros misteres.

O empreiteiro das obras do corpo principal, das cozinhas, latrinas, casas de depositos, residencia do hortelão, etc., foi o subdito francez Luiz Hosxe, ar-

chitecto de sua alteza o principe de Joinville, o qual obteve a preferencia por não quererem os mestres portuguezes, com excepção de um que pediu o duplo, concorrer á empreitada por propostas fechadas; mas os operarios quasi todos foram portuguezes.

O empreiteiro não só cumpriu religiosamente (ainda que com alguma perda) tudo quanto tratou, como excedeu á expectativa da directoria, fazendo obras e ornatos a que se não tinha obrigado do modo por que o fez. O solho da sala principal, o patamar da escada do edificio, o pelicano, e outros ornatos, foram obra espontanea d'elle, sem que precedesse nem houvesse a mais simples exigencia ou insinuação.

Além d'isso, dirigiu gratuitamente diversos trabalhos que não era possivel contratarem-se de empreitada, assim como deu os riscos, desenhos e modelos para todas essas obras.

Em um portuguez não seria para admirar tão des-



Coruja nivea

interessado comportamento; mas em um estrangeiro está acima de todo o louvor, e merece o eterno reconhecimento da sociedade.

Quando o conde de Thomar visitou o hospital fêl-o a directoria sciente dos serviços prestados por Luiz Hosxe e do seu desinteresse; e como o conde havia dito que tinha recommendação do Senhor D. Pedro v para tomar nota dos serviços prestados no imperio por portuguezes e a portuguezes, perguntou-lhe a directoria se não haveria inconveniente em levar os de Luiz Hosxe, por intermedio d'elle conde, ao conhecimento do mesmo Augusto Senhor, e pedir-lhe houvesse por bem renumerar os de Luiz Hosxe com o habito de Christo ou da Conceição, para o que o conde promptamente se offereceu, e indicou á directoria que lhe dirigisse um memorial n'esse sentido, o que ella logo fez.

Passou-se isto em setembro de 1859; porém, nem durante a estada do conde, nem depois da sua partida para Lisboa até hoje, nenhuma solução houve a tal pedido, unico que a directoria fez, ponderando n'essa occasião ao conde, que ella hypothecava os

seus proprios serviços á renumeração dos de Luiz Hosxe. Accresce n'este negocio a circunstancia, de que desejando a directoria conservar este pedido na maior reserva, para, no caso de não ser attendido, nunca isso constar a Luiz Hosxe, foi o proprio conde quem lh'o foi revelar por occasião da missa a que assistiu, e que a directoria mandou dizer pela alma da rainha D. Estephania, no acto em que o presidente da sociedade lhe apresentou Luiz Hosxe.

Referimos este facto ao concluir a descripção do hospital, para que se elle não chegou ao alto conhecimento do Soberano, de quem a directoria esperava a recompensa de tão nobre procedimento, possa ainda reparar-se esta ingratidão.

CORUJA NIVEA

Os naturalistas dividem a familia das *striges*, ou aves nocturnas de rapina, em diversos generos e subgeneros, segundo o seu systema de classificação, nas quaes comprehendem os *bufos*, os *mochos* e as *corujas*. Os dois generos caracteristicos d'esta familia são: os bufos, por terem dois martinetes de pennas na cabeça, em fórma de orelhas, e as corujas, que tem a cabeça redonda, sem martinetes nem pennas prominentes.

D'estas é que damos hoje uma estampa, representando macho e femea.

Esta ave toma o vulgo por agoirenta, não tanto pela sua figura triste e medonha, como pelos guinchos e sons lugubres que sólta no silencio da noite. Costuma acoitar-se nas torres, sineiras, telhados das egrejas e de outros edificios altos. Quando d'alli vôa, dá sopros e lança pios tetricos, o que inspira horror á gente ignorante que acredita em almas do outro mundo, em bruxas e agoiros, julgando que se uma coruja poisa no telhado de alguma casa, e começa a piar, vem chamar pessoa d'aquella casa para o cemiterio.

É vergonha crer em taes agoiros, e cumpre explicar aos simples, que as vozes e gritos dos animaes nada tem de sinistro, porque a natureza lh'os deu para sua conversação. O piar das corujas serve para ellas afugentarem os animaes seus inimigos, que as temem de noite, porque de dia, como as suas vozes não fazem pavor, quando apparece alguma coruja estonteada pela claridade do sol, todas as aves, por mais pequeninas que sejam, aos bandos a investem e insultam.

A coruja nivea que se representa na gravura junta, tem uns 54 centimetros de comprimento; a plumagem é branca de neve, com pintas pretas, o bico negro, e como o do papagaio; a cabeça volumosa e arredondada, a face mettida, ou antes encovada nas pennas, os olhos grandes e redondos, como de gato, guarnecidos de um circulo de pennas finas e rijas que lhes servem para cobrir a grande cavidade da orelha. Os pés são cobertos de pennas até ás unhas inclusivamente.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO

Associaram-se portuguezes de boa indole para suavisarem saudades da patria, principalmente no trato dos seus livros, e nas lições da sua historia; associaram-se para aproveitarem util e honestamente horas isentas de maiores cuidados da vida em leituras instructivas; e o «Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro» surgiu; e o interesse fraternal, e o esforço, que dá a alliança inquebrantavel de muitos o tem conservado, melhorado, engrandecido.

Qual era o estado d'esta exemplar associação em 31 de dezembro de 1861?

Tinha n'uma bibliotheca mais de 63 contos; em moveis mais de 8, em dividas activas mais de 6, n'um saldo em dinheiro 2:676$705 réis.

Durando o anno de 1861 recebêra de 74 acções emittidas 1:480$000, de mensalidades 8:466$500, de leitores subscriptores 1:091$000, de catalogos vendidos 68$000, de juros 160$000, e de sublocações de parte da casa 1:500$000.

Os seus gastos geraes foram no mesmo anno de 7:010$705, e os de livros e periodicos de 3:839$860. O seu fundo de reserva a realisar era de 8:231$969.

A bibliotheca adquirira no decurso do anno, 42 estampas, 2 mappas, 7 quadros, e 666 obras em 1,066 volumes (721 em portuguez, 313 em francez, 19 em inglez, 8 em latim, e 5 em hespanhol); ficando a final com 163 estampas, 64 mappas, 91 quadros, e 13.722 obras em 32.415 volumes.

O movimento da leitura fôra de volumes saídos 29.239; volumes entrados 29.188; em circulação na data de 31 de dezembro 1.304 volumes.

Frequentaram o gabinete nos doze mezes 2.977 leitores e 135 visitantes; sendo os mezes mais frequentados de leitores, o de outubro (274), e de visitantes os de julho (13) e agosto (13); e os menos frequentados, dos primeiros, o de fevereiro (210), e dos segundos, os de janeiro (10), fevereiro (10) e março (10).

Recebeu no mesmo anno, da benemerita Sociedade Madrépora, a offerta do retrato do insigne historiador e distincto caracter portuguez, o sr. Alexandre Herculano; e com festivo ceremonial o inaugurou na sala do conselho, no dia 1.º de dezembro, nomeando-o seu presidente honorario.

Associou-se, finalmente, ás funebres manifestações de sentimento pelas provações que a familia real portugueza experimentou.

Quem dirá que o *Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro* não é digno de que se commemorem com louvor os seus actos, a illustrada perseverança com que zela o pensamento da sua creação, procurando radical-o no solo, e pondo-o mais a salvo dos abalos do tempo e da contingencia das paixões? Conheceu que para isto carecia de casa propria e de dotação segura, e todos os seus membros estão lidando n'este empenho glorioso.

Si vis, potes.

Esperâmos que não virá longe a occasião de podêrmos annunciar a todos os portuguezes, cujo animo generoso sympathisa com o progresso da fraternidade, e com a illustração de nossos irmãos da America, que o *Gabinete portuguez* levantou alcaçar, para abrigar e defender incolumes, a sua prestante idéa, os seus livros e os seus leitores.

José de Torres.

A CASA DA TIA ELISA

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

(Conclusão. Vid. pag. 98)

III

Tem decorrido quinze annos depois que os dois primos leram aquellas deploraveis cartas, destinadas a continuar ainda além da campa o rancor dos irmãos Valtiers. A concatenação da historia reconduz-nos de novo á casa da tia Elisa.

A casa estava situada na estrada real. Exposta ao sul, e tendo diante uma vasta planicie, era preciso á hora do meio dia que todas as janellas se conservas-

sem fechadas, para que os quartos não fossem inhabitaveis pela grande quantidade de sol que as inundava. Ora, n'um dia de maio, exactamente á hora que indicámos, uma velhinha, que estava dividindo algumas estrigas de linho, abriu de repente a janella, inclinou o corpo para a rua, e puxou para si as rotulas para se livrar dos raios do sol que a cegavam.

Quando se debruçava, viu a velha por baixo da janella dois viajantes, dois estrangeiros bastante afadigados, ao que parecia, por uma grande caminhada, e que estavam descançando n'um dos bancos de pedra, sobre que o sol dardejava então os raios mais ardentes. A dona da casa teve dó d'elles, e disse-lhes, para os obrigar a sairem de um logar onde, verdade verdade, se não podiam já demorar muito tempo:

—Não fiquem ahi, que lhes faz mal. A porta está cerrada, empurrem-na e entrem; sempre ha de haver dentro de casa assentos mais commodos, e alguma sombra.

Apenas lhes dirigiu este convite, cerrou as rotulas, e poz na mesa um cantaro de cerveja não fermentada para os dois hospedes. Depois, concluidos que foram os preparativos da recepção, ficou muito admirada de não ver dentro de casa os viajantes, que já tinham tempo sobejo para entrar. Julgou que, por serem estrangeiros, a não tinham comprehendido, e resolveu-se a saír para renovar o seu convite em termos mais explicitos.

Os dois viajantes ainda estavam na estrada; mas já se tinham levantado do banco.

Em pé ambos, diante da porta, que estava entreaberta, tinham subido o primeiro degrau da porta; mas haviam parado, como se lhes fosse impossivel continuar a vencer a escada.

—Já percebo, continuou a boa velha, como estão muito cançados, precisam de auxilio para andar. Nem por isso me sobram forças, mas as de que posso dispor estão ás suas ordens.

Ia caminhando para elles, mas não a deixaram aproximar. Como se dispertassem de uma meditação profunda com as palavras que a velha lhe dirigíra, subiram os tres degraus restantes, e entraram na sala ao rez do chão, onde deviam encontrar repouso e abrigo.

Um observador perspicaz não deixaria de notar a extraordinaria simultaneidade dos movimentos d'aquelles dois homens, desde o momento em que, dispertos pelas palavras da velha, se resolveram a corresponder ao seu convite. Parecia haver intenção formal, e cumprimento de uma convenção expressa, no escrupuloso cuidado que empregaram em caminhar de accordo, e como cedendo ao mesmo impulso, sem passarem um adiante do outro. Foi de braço dado, e caminhando passo a passo, que subiram os tres degraus, e quando chegaram á porta, viraram-se ambos de lado para poderem entrar juntos. Convidavam-n'os as cadeiras a descançar, os copos estavam cheios; antes porém de se sentarem, fizeram uma saude á boa hospedeira, que, sem os conhecer, lhes dava tão bom agasalho. A velha foi-se entretendo com as suas estrigas de linho, suppondo que os dois caminhantes tinham adormecido.

Mas não dormiam. Preoccupados pelo mesmo pensamento, levantavam de quando em quando os olhos um para o outro, dando a entender, com o olhar, que tinham grandes desejos de dirigir algumas perguntas á hospedeira. Um d'elles, por fim, cobrou animo, e proferiu as seguintes palavras.

—Vamos seguir jornada, minha senhora, e deve acreditar que deixâmos esta habitação sinceramente reconhecidos pelo bom acolhimento que n'ella recebemos; por isso tambem, antes de partir, desejavamos agradecer ao dono da casa.

—O dono da casa! repetiu a velha. Aqui só ha uma dona, e essa sou eu. O espanto dos dois viajantes quando ouviram esta resposta, apresentou o que quer que era doloroso; mas esta dor, por muito profunda que parecesse, só podia ser bem comprehendida pelos que podessem ler-lhes na alma o que se passava lá por dentro.

O espanto, esse era mais facil de justificar. Ordinariamente uma habitação adorna-se conforme o gosto, a educação e os habitos da pessoa que a occupa; e nada havia que afinasse menos com a apparencia campezina da velha, como o exterior apurado da casa, e o interior mobilado elegantemente. Ella percebeu logo o movimento de surpreza dos seus hospedes, mas não se escandalisou nada com isso. Sorrindo-se até com benevolencia, acrescentou:

—Verdade seja, que não diz muito a cota com a capirota, e que um painel mais formoso quadrava melhor n'este caixilho tão bello. Mas tambem a casa, de seu principio, não foi feita para mim. Já assim estava quando tomei posse, e a cavallo dado não se lhe olha o dente. Parece-me que a gente não deve estar com grandes exigencias, quando se trata de acceitar uma casa.

E depois, vendo que os dois viajantes se mostravam muito dispostos a dar-lhe attenção, continuou:

—Se querem ouvir esta historia, eu não me faço rogada para lh'a contar. É de caminho.

Um ligeiro signal de assentimento fôra bastante para a animar a proseguir; os olhos dos viajantes deram porém indicios mais convidativos. Pareciam supplicar-lhe. A boa velha deu pois começo á sua historia.

—Primeiro que tudo, para que saibam com quem estão fallando, dir-lhes-hei que não sou mais do que uma pobre creatura aqui d'estes arredores, bem conhecida na terra de Chevincourt, onde nasci, e onde me puzeram o nome de Nicolina na pia do baptismo. Este anno passado ainda residia eu lá, sem que me passasse pela cabeça, nem por sombras, que havia de apparecer um dia feita senhora proprietaria de uma casa tão bem amanhada como esta, e de mais a mais que é muito minha por escriptura de tabellião.

Mas tambem para estas e outras é que servem os filhos; não os meus, que esses já foi Deus Nosso Senhor servido chamal-os lá para a terra da verdade; mas outros que, apesar de serem alheios, eu trouxe ao peito, e a quem quero tanto como se fossem meus proprios. E tambem os dois rapazinhos (eu chamo-lhes rapazinhos por costume, porque elles já são dois homens e duas perfeições), os dois rapazinhos querem-me d'alma, e n'isto não ha differença um do outro. Quanto ao mais, é como a noite para o dia.

O meu Eugenio foi sempre arranjado, economico, e amigo de pôr as coisas no seu logar; o meu Augusto, esse foi sempre um cabeça no ar, amigo de espalhar dinheiro e de gastar á grande.

Quando o meu Augusto me deu esta casa, não lhe restava nem mais um fio. E eu lhes explico como isso foi.

Vae para quinze annos vieram ás mãos dos meus rapazes duas cartas de seus paes que tinham ficado lá pelas guerras. Os meus filhos são primos um do outro, e tão amigos que nem se faz idéa.

N'uma das cartas, o pae de Augusto prohibia-lhe absolutamente que vendesse, fosse quando fosse, esta casa ao seu primo Eugenio. Na outra o pae de Eugenio determinava a seu filho que comprasse por força a casa de Augusto, quando ella estivesse para vender.

Foi então que prometteram ambos serem amigos sempre, mas obedecerem ás ordens de seus paes.

Foi correndo o tempo. Nos primeiros mezes o dono da casa ia arranjando dinheiro para as suas extravagancias, e o que tinha sempre ia chegando; mas

um dia appareceram as dividas mais pesadas, até que a justiça tomou conta da casa para a vender em leilão, e pagar com o que rendesse aos credores de Augusto.

Este foi ter direito a seu primo e disse-lhe:

— Com que então já sabes que me penhoraram a casa?

— E tu sabes, que eu a hei de arrematar?

— Sei: mas bem percebes que não posso consentir em que a compres.

— Pois então o unico remedio é ver se não chega a pôr-se á venda.

— Isso é que não é muito facil, tornou Augusto, porque os credores não se contentam com boas palavras.

— Pelo contrario, disse-lhe o primo, é muito facil: paga tu aos teus credores com o dinheiro que eu tinha apartado para te comprar a casa, quando tu a vendesses.

— Emprestas-m'o?

— Com a melhor vontade. Assim ficâmos salvos ambos. Tu da magoa de a vender; eu da obrigação de a comprar.

Augusto, para não faltar á ultima vontade de seu pae, acceitou com toda a franquеza o que lhe era offerecido com toda a franqueza tambem, e assim que pôde restituiu logo o dinheiro, sem juros, entende-se, porque esses recebe-os todos os dias o primo Eugenio em provas de dedicação da parte do seu parente; acontecendo assim, que por amor da desintelligencia dos dois irmãos estreitou-se mais a amizade dos dois primos.

Tambem a coisa não ficou ainda aqui; duas vezes mais, pela doidice de Augusto, a casa esteve em risco de ser vendida; mas deu-se pouco mais ou menos a mesma coisa, com a differença de que então não foi preciso que Eugenio soubesse da boca de seu primo a historia das suas infelicidades. Appareceu-lhe com o dinheiro na mão, dizendo-lhe:

— Ou tu me has de acceitar hoje o emprestimo; ou então tu vendes a casa e eu compro-t'a.

Finalmente, nos começos do outono passado, um negociante das duzias convidou Augusto para entrar n'uma empreza, que devia, segundo o seu fallar, fazer a fortuna dos interessados. Era exactamente na occasião em que Eugenio se estava preparando para partir para uma viagem de muitos mezes.

— Pelo que vejo não tenho remedio senão ficar, disse elle a Augusto, logo que este lhe deu parte do negocio em que se ia metter.

— Então porque? — perguntou-lhe o primo.

— Por causa d'essa bonita empreza que promette de mais para render alguma coisa, e por conseguinte bem vês que tenho de estar á espera do dia em que a casa se vender.

Estas palavras fizeram reflectir Augusto. Já se não podia ver livre do negocio em que se compromettêra. Tinha já prestado a sua assignatura; arranjou entretanto as coisas de fórma que pôde dizer a Eugenio.

— Quer a empreza tenha bom resultado quer não, pódes partir, porque eu não vendo a casa.

— Como?

— Dei-a por uma escriptura á nossa ama.

«Era a verdade pura; mas além d'isso, fazia um testamento dictado por elle, no qual se dizia: Deixo por minha morte a casa da tia Elisa a Eugenio Valtier, com a condição de que ha de reservar sempre um quarto para o seu primo Augusto. Aqui está como eu fiquei sendo proprietaria d'esta casa. Mas já me esquecia dizer-lhes: Eugenio tinha adivinhado. A grande empreza falhou, porém Eugenio chegou a tempo de acudir a Augusto.

Agora estão ambos empregados no mesmo escriptorio, todas as noites vem descançar do seu trabalho a esta casa, que realmente nunca foi tanto d'elles como desde que me pertence. Aqui podem estar um na companhia do outro sem deixarem de cumprir as ultimas vontades de seus paes, porque estes não lhes prohibiram nunca que vivessem na companhia um do outro, em casa da sua ama de leite.»

A boa da velha tinha fallado á sua vontade, sem que a interrompessem. Convencida de que a historia tinha interesse bastante para entreter mesmo dois estranhos que por acaso se lhe tinham demorado em casa, não se admirou da profunda attenção com que estes a escutavam, nem mesmo da grande commoção que lhes percebeu no rosto, quando acabou. E estavam commovidos deveras! Durante a narrativa tinham-se conservado com as mãos dadas, e com os olhos fitos na tia Nicolina; mas occasiões houve em que se lhes arrasavam de lagrimas.

Passados alguns momentos a velha proseguiu:

— Commoveu-os esta historia? Não admira; acaba tão bem!

— Ainda não está acabada, disse um dos viajantes; falta-lhe alguma coisa.

— Parece-lhes? perguntou a velha, então o que é?

— Faltava, que as duas pessoas a quem esteve contando essa historia fossem dois pobres prisioneiros, esquecidos, vae para dezeseis annos, no fim do mundo, e que só deveram a vida aos cuidados e desvelos com que tratavam um do outro. Faltava finalmente, que estes dois desterrados lhe podessem dizer: Aqui tem dois irmãos a quem dezeseis annos de desgraça conseguiu reconciliar, e que n'este momento dão graças a Deus por ter afastado do coração de seus filhos a culposa inimizade de que tanto se arrependem.

— Era bom de mais, se fosse possivel; entretanto parece-me pelas suas lagrimas que é verdade.

— É verdade, é, tia Nicolina, repetiram elles abraçando-a.

Foi d'esta fórma que os dois irmãos se deram a conhecer á ama de seus filhos. Em quanto á scena que teve logar, quando estes chegaram a casa, basta indical-a para que seja comprehendida.

Desde então houve mais dois hospedes em casa da velha; porque até á hora da morte foi ella a verdadeira dona da casa da tia Elisa.

Nas tormentas da malicia, o mais seguro porto é o silencio.

PADRE RAPHAEL BLUTEAU.

ENIGMA



Explicação do enigma do n. 10

As lagrimas são o desafogo do coração